



Circuitos curtos de abastecimento de alimentos ecológicos como estratégia de (re)existência camponesa: resgate do lugar e dos laços comunitários

BRANCO, Elaine Regina¹

¹ Doutoranda em Geografia pela UFRJ, laineregin@gmail.com

Eixo temático: Economias dos Sistemas Agroalimentares de Base Agroecológica

Resumo: Este estudo preliminar, parte do trabalho de doutorado em Geografia em andamento, teve como objetivo compreender de que forma os agricultores tem utilizado os espaços dos circuitos curtos de abastecimentos de alimentos ecológicos para sobreviverem às dificuldades e às pressões exercidas pelos impérios alimentares ligados ao agronegócio. O levantamento dos dados fundou-se em observação participante, questionário semiestruturado com técnica de entrevista. Os questionários foram aplicados junto aos produtores nos locais de comercialização dos seus alimentos durante o primeiro semestre de 2019. Foi possível observar que apesar de existirem diferenças entre os produtores no que se refere a infraestrutura de produção e de distribuição, as estratégias para lidar com as adversidades sociais, econômicas e ambientais se assemelham em valores pautado numa outra lógica. A construção de relações alternativas entre campo e cidade baseadas nos princípios de solidariedade, confiança e apoios mútuo tem sido estratégias fundamentais para garantir a sobrevivência e resistência destes produtores no campo.

Palavras-chave: produção e abastecimento local de alimentos ecológicos; resistência; ecologia; soberania.

Keywords: production and local supply of organic food; resistance; ecology; sovereignty.

Introdução

O processo contínuo de externalização do processamento e comercialização dos alimentos é um fenômeno que ocorre a muitos anos, deixando a maior parte da agricultura restrita à produção e entrega das matérias-primas. Essas são processadas pelas indústrias alimentícias especializadas que funcionam como verdadeiros impérios alimentares (Bonnano et al., 1994). O comércio de alimentos se encontra cada vez mais controlado por grandes empresas de comércio e cadeias varejistas. Juntamente com as empresas do setor agroindustrial que controlam o fluxo de insumos para a produção primária, essas indústrias, empresas e cadeias compõem as redes que funcionam crescentemente como sistemas extrativistas. Na relação entre produtor e indústria alimentícia, o primeiro é pressionado a ficar sem praticamente nenhuma possibilidade de tomar decisões, limitando-se a um roteiro definido pela indústria ou cadeias de varejo, bancos ou órgãos estatais (Benvenuti, 1983, in Ploeg, 2016). Muitas cooperativas hoje em dia tratam os camponeses da mesma forma que os impérios alimentares. Diante dessa realidade, vemos emergir novos movimentos que tentam criar novos mercados inseridos em novas estruturas normativas compartilhadas por produtores e consumidores. Ainda que timidamente, esses novos mercados no Brasil tem se apresentado como uma estratégia de sobrevivência de muitos camponeses que buscam na relação direta com os



consumidores uma forma de equilibrar seus sistemas de trabalho e consumo. Chamado na literatura internacional por *Short Food Supply Chains* ou Circuitos Curtos de Abastecimento de Alimentos Ecológicos no Brasil tem se configurado de diversas maneiras de acordo com a realidade de cada localidade. As feiras de produtores e as lojas de produtos naturais, que são dominantes em países mais desenvolvidos como a França, tem um papel secundário no Brasil (Guivante, 2003, apud Nierdele et al, 2013), mas coexistem com novas estratégias de comercialização em circuitos curtos ou locais, como cestas entregues nos domicílios ou em pontos estratégicos, mercados especializados e compras pela internet. Apresentamos aqui um estudo preliminar dos circuitos curtos que englobam alguns agricultores do eixo Rio - São Paulo, mais especificamente, de agricultores que distribuem diretamente sua produção em feiras locais ou através de cestas, selecionados para esta análise preliminar: a feira do produtor de Guarulhos, feiras do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas, a feira do Produtor da UFRJ (Fundão) e a feira do produtor o Parque da Água Branca em São Paulo.

Este estudo preliminar, parte do trabalho de doutorado em Geografia em andamento, teve como objetivo compreender de que forma os agricultores tem utilizado os espaços dos circuitos curtos para sobreviverem às dificuldades e pressões exercidas pelos impérios alimentares ligados ao agronegócio. As entrevistas com os agricultores foram realizadas nos locais de distribuição dos seus alimentos durante o primeiro semestre de 2019. Junto ao questionário semiestruturado, foi utilizada a técnica de e a observação participante para levantar os elementos implícitos representativos na organização da produção e distribuição dos alimentos não abordados no questionário.

Metodologia

Selecionamos algumas feiras de produtores de alimentos ecológicos do eixo Rio-São Paulo por se tratar de uma região que abriga os maiores centros consumidores do país. A princípio, selecionamos as feiras do Parque da Água Branca em São Paulo, do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas no Rio de Janeiro, do Produtor em Guarulhos, São Paulo e a feira do produtor na UFRJ e projeto CASA (Comunidade Acadêmica que Sustenta a Agricultura) de distribuição de cestas no campus do Fundão da UFRJ. As entrevistas foram feitas nos locais de distribuição dos alimentos diretamente pelo agricultor e por representante dele, em dois casos da feira da Glória. O levantamento das informações foi feito a partir de um questionário semiestruturado e da observação participante tendo em vista a questão principal da pesquisa que visa compreender de que forma os agricultores tem utilizado os canais dos circuitos curtos para sobreviverem às dificuldades e pressões exercidas pelos impérios alimentares. As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2019 com 10 agricultores do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas nas feiras da Tijuca, Botafogo e Barra da Tijuca e Glória sendo que esses mesmos agricultores fazem as feiras em outras localidades, no Flamengo, Meier, Copacabana, Laranjeiras, Gávea, Leme, Grajaú, Parque das Rosas e Petrópolis; 4 comerciantes do Circuito Carioca



de Feiras Orgânicas que compram diretamente do produtor de outras regiões como São Paulo, região Sul e Minas Gerais; 2 representantes de 55 produtores da região do Brejal em Petrópolis que distribuem os alimentos nas feiras do Circuito Carioca de Feiras Orgânicas; 2 agricultoras na feira do produtor no Fundão na UFRJ que abastecem também as cestas do projeto CASA; 3 agricultores na feira do produtor do Parque da Água Branca e 4 agricultores nas feiras dos produtores da Praça V Centenário e Parque Julio Francalanza em Guarulhos.

Resultados e Discussão

Neste estudo preliminar, podemos fazer alguns apontamentos sobre as estratégias de uso dos espaços dos circuitos curtos pelos agricultores para suas sobrevivências e resistência. O primeiro deles é de que existe uma diversidade entre os agricultores, mesmo entre aqueles que produzem e distribuem alimentos numa mesma localidade. Existem aqueles mais estruturados que possuem a propriedade da terra, mão de obra familiar e cotratada periodicamente e apoio tecnológico e aqueles menos estruturados, alguns em regime de posse ou concessão da terra outros com a propriedade, com dificuldades de mão de obra, pouca infraestrutura no campo e ausência de assistência técnica. As dificuldades com a distribuição, tais como, estrada não pavimentada, transporte próprio, custo de manutenção do transporte, acesso ao crédito de financiamento para aquisição de transporte, cansaço e exaustão em assumir simultaneamente as atividades de produção e distribuição, foram apontamentos feitos pelos produtores que fazem ao mesmo tempo a atividade de distribuição dos alimentos. Outra dificuldade apontada pelos produtores relacionada com a distribuição foi a falta de consciência de muitos consumidores sobre os alimentos orgânicos e agroecológicos, muitas vezes confundido com hidropônicos, e também a falta de compreensão dos benefícios destes alimentos não só para a saúde do consumidor, mas também para a saúde do planeta e das economias locais. Os dois grupos de agricultores utilizam estratégias para sobreviverem e equilibrarem seus sistemas de trabalho e consumo interessantes. A articulação em redes com outros agricultores para suprir a ausência de determinados alimentos que não conseguiram produzir devido a dificuldades materiais ou ambientais, troca de saberes e soluções para problemas técnicos comuns são as estratégias de resistência essenciais utilizadas pelos camponeses para suprir as dificuldades que enfrentam na produção, como a ausência de assistência técnica, políticas públicas, crédito e problemas ambientais advindos das mudanças climáticas. A articulação em rede com grupos de consumidores, instituições, professores e estudantes para auxiliarem no plantio, na colheita, nos chamados dia de campo ou vivências, somado ao auxílio na organização da distribuição ou na venda direta nas feiras são as estratégias fundamentais para suprir as dificuldades que enfrentam com relação à produção e distribuição. Outros canais utilizados por alguns agricultores são a distribuição de cestas a domicílio ou em pontos estratégicos para retirada, o desenvolvimento de atividades de lazer no campo, o fornecimento para restaurantes e trocas com outros produtores. A maioria deles utiliza o trabalho familiar tanto na produção como na distribuição, sendo que



apenas 3 contratam diaristas as vezes, 3 tem funcionários e contrata diarista e tem um parceiro de trabalho e 1 tem apenas um parceiro no trabalho. A renda foi apontada por todos eles como instável e variável e dentre os 22 entrevistados apenas 11 forneceram informação sobre uma renda mensal aproximada por trabalhador que somando chegamos a uma média de R\$1.363,63. Os maiores problemas apontados que implicam na diminuição da renda foram as perdas que tem no campo com as intempéries e desequilíbrios ecológicos, os gastos com manutenção dos equipamentos, recursos externos e transportes, desemprego dos consumidores e instabilidade econômica. Os ganhos maiores ocorrem em períodos em que a mídia faz propaganda dos produtos e das feiras e nos períodos em que a economia e o emprego estavam mais estabilizados. Existem períodos que a renda obtida não cobre os gastos com produção e mesmo assim continuam a produzir, pois conseguem se alimentar do que produzem e, portanto garantir a mão de obra. Trata-se de situações características do campesinato, observado a ausência na maioria dos casos de trabalho assalariado e a sobrevivência e recriação nos períodos de crise.

Neste estudo preliminar, foi possível caracterizar os circuitos curtos de abastecimentos com relação ao funcionamento dos agroecossistemas e das redes sociais de organização. Os sistemas produtivos são organizados em sua maioria pelo trabalho familiar, tendo como base a produção orgânica em sistemas que variam suas estratégias de manutenção em rotatividade de cultura, compostagem com uso de esterco de frangos e galinhas e resíduos da produção, caldas de adubação orgânica, agrofloresta, controle biológico e irrigação. Além do trabalho familiar, identificamos alguns contratados temporários para trabalhos no plantio e na colheita dos alimentos e de estudantes e simpatizantes que participam de dias de campo e vivências configurando uma rede de solidariedade aos produtores. A maior motivação dos camponeses em fazer a própria comercialização dos alimentos produzidos é obter retornos que possibilitem o seu sustento e a continuidade da produção, o que não é possível quando tem os intermediários. Procuramos não associar os melhores estruturados ao sucesso para não cairmos na armadilha de uma análise puramente mercadológica. Entre os menos estruturados, alguns possuem posse ou concessão da terra, mas a maioria possui a propriedade da terra, enfrentam dificuldades com mão de obra, pouca infraestrutura no campo e ausência de assistência técnica e financiamento.

Conclusões

Nesta análise preliminar que envolve o estudo dos circuitos curtos de abastecimento de alimentos ecológicos selecionados do eixo Rio - São Paulo, podemos concluir que os agricultores entrevistados utilizam algumas estratégias para garantir o equilíbrio entre trabalho e consumo e sobreviverem frente às inúmeras adversidades permeadas pelo desequilíbrio ecológico de seus agroecossistemas, ausência de políticas públicas e de assistência técnica, dificuldades de acesso ao crédito voltado ao segmento da agricultura familiar, falta de consciência dos consumidores sobre a importância dos seus produtos e instabilidade econômica que afeta o bolso dos



consumidores. A primeira estratégia de sobrevivência esta relacionada com as relações entre os produtores no campo e desses com os sujeitos da cidade que consomem seus alimentos, estabelecem parcerias de apoio a produção no campo, de solidariedade, compromisso, confiança e responsabilidade mútua, quando se tem de um lado, os produtores preocupados em fornecer um alimento limpo e saudável para os parceiros da cidade e, do outro lado, indivíduos e grupos preocupados em garantir a manutenção da produção desses alimentos no campo e, em alguns casos das parcerias compostas por indivíduos e grupos mais conscientes, há também uma preocupação com a manutenção do modo de vida dos camponeses, com a vida que envolve os seus agroecossistemas e com o desenvolvimento local e territorial. São estratégias que se baseiam em relações em que os princípios não estão fundamentos no mercado, apesar de existir uma relação comercial secundária. Estão baseadas, de uma forma reinventada, nos mesmos princípios dos Parceiros do Rio Bonito que estudou Antônio Cândido na década de 1950. Muitos conflitos surgem da insegurança e do medo de lidar com as adversidades, do futuro e da comparação com os produtores mais capitalizados, o que torna o momento presente peculiar e muito mais carregado de tensões que no período estudado por Antonio Cândido. As contradições foram analisadas considerando alguns novos conceitos trazidos por Ploeg (2016, p.19), o de multitudes, coletivos e interstícios. Mesmo existindo dentro de uma economia dominada por relações capitalistas, os camponeses entrevistados são multitudes porque dominam a arte de não serem governados. São heterogêneos e as fontes que inspiram a ordem de trabalho se estendem para além da lógica de mercado, tendo a natureza, a sociedade e os repertórios culturais como princípios de organização. Resistem à divisão do processo de produção em tarefas separadas e são coletivos pois compartilham bens e recursos materiais e imateriais, estabelecem novas relações entre campo e cidade e criam novos significados. Muitas vezes acabam sendo altamente produtivos tornado-se uma alternativa potencialmente convincente ao capital corporativo. Os espaços em que ocorrem os antagonismos são verificados nos processos de exclusão que fazem os camponeses recriar as suas existências distanciando o desenvolvimento da sua propriedade da lógica do capital criando interstícios e vinculam-se com outros interstícios e dando origem aos locais de resistência e luta permanente.

Referências bibliográficas

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio Rio de Janeiro, 1987.

DAROLT, M.R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P.A. et al. (Organizadores) **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba : Kairós, 2013. p. 139-170.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



PLOEG, J. D. **Camponeses e a arte da agricultura**: um manifesto Chayanoviano. Tradução Claudia Freire. 1 ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora UFRGS, 2016. 192 p.